

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS DO LAGO DOS XARAIÉS

THE FIRST NEWS OF THE XARAYÉS LAKE

Paulo Pitaluga Costa e Silva

RESUMO: O lago dos Xarayés, hoje Pantanal Mato-grossense, foi descoberto pelos conquistadores espanhóis em 1542 e em 1555, com a publicação dos Comentários de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, toda a Europa tomou conhecimento da existência de um imenso lago interior na América do Sul. Outros informes textuais foram produzidos em meados do século XVI por aventureiros europeus que, juntamente com os espanhóis, participavam da conquista americana. Nota-se que a denominação predominante para essa região era Lago dos Xarayés, até princípios do século XVIII, mas com a chegada dos paulistas à Cuiabá a partir de 1717, começou a ser chamado de Pantanal.

Palavras-chave: História. Pantanal Mato-grossense. Conquistadores espanhóis.

ABSTRACT: The Xarayés Lake, known today as Pantanal of MatoGrosso, was discovered by the Spanish conquerors in 1542. In 1555, the existence of an immense lake in the middle of South America became widely known in Europe, through the publication of “Commentaries from AlvarNuñezCabeza de Vaca”. Other written reports were also produced mid-sixteenth century by European adventurers, who together with the Spanish, participated in the American conquest. It is noted that this region was predominantly known as Lake Xarayés until the early eighteenth century. However; with the arrival of thewhite people from Sao Paulo inCuiabá after 1717, the region became known as Pantanal.

Keywords: History. Pantanal of Mato Grosso. Spanish conquerors.

¹ Historiador, membro do IHGMT, autor de inúmeras obras referentes à História de Mato Grosso.

O Pantanal é uma enorme região situada em pleno coração da América do Sul. No Brasil abrange os Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, adentrando pela Bolívia e Paraguai, compondo os respectivos Chacos. A característica marcante são as cheias anuais, motivadas pelo regime de águas oriundas das chuvas nas cabeceiras dos rios que o atravessam, formando uma imensa área alagada.

O descobridor do Chaco paraguaio, sem dúvida foi Juan Ayolas que, a partir de *puerto Candelária* no rio Paraguai, em 1537, adentrou por essa região em direção Noroeste até um ponto não identificado, rumo ao altiplano andino atrás de uma *Sierra de la Plata*. Em seu retorno foi morto pelos índios Paiaguás nas margens do rio Paraguai. Comandando essa primeira expedição exploradora por esse rio acima, foi sem dúvida o primeiro europeu a vislumbrar essa interessante e complexa região, denominada Chaco pelos espanhóis em sua parte meridional e de Pantanal, pelos portugueses, séculos depois, em sua região setentrional.

O primeiro homem branco, europeu, cristão, a pisar terras mato-grossenses foi Aleixo Garcia, em 1523 ou 1524. Tanto a data como o seu roteiro dessa jornada não são confirmados por registros históricos confiáveis. Apenas notícias esparsas e longínquas registram o fato, que é substanciado por meras hipóteses levantadas por historiadores contemporâneos ou de um passado recente. Mas tudo indica ele ter ele atravessado uma parte do Pantanal, nas imediações da região onde hoje está a cidade de Corumbá, pelos espanhóis denominado de porto San Fernando. Ruy Diaz de Guzmán confirmou essa notícia ao abordar a expedição de Garcia: “[...] hicieron su jornada por el puerto que llaman de San Fernando, que es un alto promontório que

se hace sobre el rio Paraguay.” (GUZMÁN, 1980, p. 94).

Se a assertiva de Guzmán estiver correta, Aleixo Garcia foi o descobridor do Pantanal Mato-grossense.

Temos que fazer uma sucinta observação geográfica sobre o Pantanal. Apesar de ser um só ecossistema, os espanhóis no século XVI e XVII, o dividiram em duas partes com duas denominações distintas. Ao Sul o *Chaco* paraguaio e boliviano, com alguns topônimos específicos, como o *Chaco*, *Chaco Gualamba*, *Llanos del Manso* e mais ao Norte o Lago dos Xaraiés. E esta nomenclatura só foi mudada no século XVIII, com a chegada dos portugueses à Cuiabá, que passaram a denominar o Lago dos Xaraiés de Pantanal. Mas para todo o complexo do Pantanal, de seus limites meridionais até suas partes mais setentrionais, os espanhóis o denominavam de *Gran Chaco*.

Enrique de Gandia, transcrevendo um *Informe* do Vice-Rei do Peru, Marquês de Montes Claros, assim dimensionou geograficamente a região do Chaco nos tempos coloniais:

En el espacio de latitud, desde veinte y seis grados donde está la ciudad de Esteco del Gobierno de Tucumán y la de la Concepción del rio Bermejo, distrito del Paraguay, hasta los diez grados de sur al norte y por longitude desde el rio Paraguay hasta Tarija, Pilaya y otros pueblos de la provincia de los Charcas, hay grande espacio de tierra que havitan índios no reducidos [...] y los más conocidos dellos son los Chiriguanas que correm de norte a sur la frontera de los Charcas, volviendo un poco hacia Santa Cruz de la Sierra y al fin de estos por la parte del sur que hace frontera a Tucumán y rio Bermejo, están los Tobas e Frentones y por la parte del Gobierno de Buenos Aires, en frente de la Assumpción de esta banda de el rio Paraguay, havitan los Guaycurus y más arriba los Payaguás y vecinos

a estos, siempre subindo al norte los Guazarapos, los cuales llegan hasta muy cerca de la ciudad de Xerez y todo, y todo el demás espacio que hay entre las naciones referidas se cuenta por Provincia del Chaco y llanos del Manso en que moran los indios Chanés [...] (GANDIA, 1929, p. 18, nota 3).

Gandia nos transcreveu uma excepcional dimensão geográfica do Chaco, mostrando claramente que essa grande região, perfeitamente delimitada pelo tal Marquês de Montes Claros e obviamente retratando a opinião geopolítica dos administradores coloniais das diversas províncias espanholas da América do Sul, em seus limites setentrionais, chegava tão somente até a vila de Santiago de Xerez, localizada nas margens do rio Mbotetey, hoje Miranda. Concluímos que, daí para o Norte, subindo pelo rio Paraguai acima, entrando em terras dos Guaxarapos, *Orejones*, Sacociés e Xaraiés, a região era denominada de Lago dos Xaraiés. Assim, para as autoridades coloniais espanholas, o Chaco meridional somado ao lago dos Xaraiés, formava o *Gran Chacono* centro da América do Sul.

O jesuíta padre Muratori, no século XVIII, mencionando a grandiosidade do lago dos Xaraiés, registrou sobre a ilha dos *Orejones* em claro exagero: “La seule île des Orejones, qui se trouve avec plusieurs autres au milieu de ce lac, est longue de 40 lieues et de large [...]” (MURATORI, 1844, p. 16).

Os espanhóis já conheciam a região alagada dos Xaraiés desde os anos 40 do século XVI. Domingo Martinez de Irala fundou *Puerto de Los Reyes*, às margens do rio Paraguai, junto à lagoa Gaiva, a 5 de janeiro de 1543, sendo ele o primeiro a noticiar expressamente a existência do Pantanal. Em fins desse mesmo ano, o novo *adelantado* Alvar Nuñez Cabeza de Vaca refez esse trajeto subindo o rio Paraguai até esse

mesmo porto. Desse local remeteu uma expedição mais acima pelo rio Paraguai, comandada por D. Hernando de Ribera em incursão registrada pela historiografia espanhola. Posteriormente Irala fundou, em 1547, o *Puerto San Fernando*, no rio Paraguai, nas imediações de onde se encontra hoje a cidade de Corumbá. Em 1558, D. Nuflo Chavez, com um grande número de companheiros, chegou novamente até a confluência do rio Paraguai com o Jaurú, ali fundando o *Puerto Parabanzones*, de onde excursionou pelo altiplano boliviano, terminando por fundar Santa Cruz de la Sierra. Alguns registros anotaram uma primeira expedição de Chavez em 1541, pelo rio Paraguai acima, mas não totalmente confirmada nem aceita pela historiografia platina. Em 1593, Ruy Diaz Melgarejo iniciou o povoado de *Santiago de Xerez*, às margens do rio Mbotetey, sendo essa a primeira povoação branca e não um simples *puerto*, estabelecida na região hoje sul mato-grossense. Nos princípios do século XVII, os campos da Vacaria e adjacências, foram ocupados e vasculhados pelos jesuítas espanhóis em sua conquista espiritual e lá fundaram o complexo da Missão Jesuítica dos Itatins, povoando a região com algumas reduções indígenas. No decorrer do século XVII e princípio do XVIII, os padres jesuítas perpetraram inúmeras viagens pelo Pantanal, rio Paraguai acima, rumando em direção as Missões de Chiquitos e Moxos, deixando alguns interessantes relatos dessas viagens.

O *adelantado* espanhol da Província do Paraguai, Domingo Martinez de Irala foi o primeiro a fazer referência expressa sobre o Pantanal e os índios Xaraiés, em sua relação de viagem pelo rio Paraguai. Irala ainda ofereceu interessante notícia. Em 2 de janeiro de 1743 sua expedição chegou a um morro, por ele denominado Santo Estevão, não precisando, entretanto, a sua localização. O

Puerto de los Reyes, que fundou no dia cinco de janeiro, tem a sua localização bem situada, pois foi fundado nas margens da lagoa Gaiva nas imediações do rio Paraguai. Assim, se três dias antes Irala estava passando junto ao Santo Estevão, considerando a localização de hoje, este só poderia ser a atual morraria do Caracará. Assim, em janeiro de 1743, Irala já estava atravessando o Pantanal Mato-grossense. Observamos que no mês de janeiro, tendo caído as primeiras chuvas, o Pantanal já estaria relativamente cheio. Em sua carta, o *adelantado* registrou as primeiras notícias de umas terras inundáveis: “Preguntado [ao índio Daote, chefe Guaxarapo] sy detras dessas sierras es tierra firme, dixo que no, sino ques anegado hasta otras sierras questan por el anegado y que de alli adelante no sabe.” (IRALA, 1912, p. 344).

Estando naquele momento da viagem cercado por terras alagadas, nada mais natural perguntar a um índio habitante e conhecedor da região se, mais para frente, existiam terras firmes. Essa foi a primeira observação registrada acerca da descoberta das terras inundáveis do Pantanal Mato-grossense e que nunca fora antes anotado na historiografia mato-grossense, paraguaia ou espanhola. Pelas datas que mencionou e pelos locais que descreveu, a penetração do Pantanal Mato-grossense por Domingo Martinez de Irala ocorreu em dezembro de 1542, vez que, em janeiro de 1543, ele já havia adentrado bastante em terras pantaneiras.

Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, *adelantado* da Província do Paraguai, em 1555 teve publicada a primeira edição, em Sevilha, dos seus *Comentários*, onde pôde relatar as suas aventuras pelo rio da Prata. Ao mencionar *Puerto de los Reyes* e os índios que viviam em suas redondezas, Cabeza de Vaca registrou claramente o regime de águas do Pantanal:

Quando as águas estão baixas, os nativos daquelas terras vêm viver junto à ribeira, trazendo suas mulheres e filhos [...]. Quando as águas começam a subir, que é por volta de janeiro, voltam para as partes mais altas e seguras. As águas chegam a subir até seis braças por cima das barrancas e se estendem por toda a planície terra adentro, parecendo um mar. Isto acontece religiosamente todos os anos, cobrindo todas as árvores e vegetações da região. (CABEZA DE VACA, 1987, p. 194)

Ao tomar contato pela primeira vez com o imenso Pantanal que o cercava, pôde registrar as informações obtidas certamente dos índios da região de *puerto de los Reyes*. Os Sacociés, Chanés ou mesmo os Guaxarapos. A seguir deu precisas informações sobre os índios Xaraiés, proporcionando uma interessante análise etnográfica dos mesmos.

Atento aos informes dos capitães Antón Correa e Hector de Acuña, que faziam parte de sua expedição exploradora, Cabeza de Vaca assim registrou sobre os pantaneiros pelos dois militares atravessados na pequena entrada que fizeram a partir de *puerto de los Reyes*:

[...] caminharam por pântanos com muita dificuldade, pois enterravam a perna até o joelho. Além da dificuldade de colocar e tirar o pé, ainda havia a alta temperatura daqueles banhados [...]. Naquela noite tiveram que dormir no campo, em meio a aqueles banhados. (CABEZA DE VACA, p. 203-4)

E continuou Cabeza de Vaca a descrever as aventuras de seus homens por dentro de pantaneiros até chegar a uma aldeia dos Xaraiés. Ficou muito clara a proximidade desses índios junto aos alagados situados no ponto onde estavam os espanhóis. Daí, certamente, a ideia de ligar-se conceitualmente o nome da tribo ao Pantanal circunvizinho, denominando-o de Lago dos Xaraiés.

Ulrich Schmidl, soldado alemão a serviço da

Espanha na conquista do Prata, participou de algumas entradas pelo rio Paraguai acima até terras pantaneiras. Em 1567 publicou o seu livro de viagens, contando as suas aventuras no coração da América do Sul.

Schmidl pôde deixar registros de suas andanças pelos pantanais. Fazendo penetrações pela região do rio Paraguai acima, assim registrou com relação às terras alagadas que atravessou:

[...] y nosotros marchamos durante los ocho dias entre el agua hasta la cinta y hasta la rodilla dia y noche (...) nosotros caminamos durante siete dias entre el agua hasta la cinta y la rodilla. Pero la tal agua era tan caliente como una agua caliente que ha estado sobre el fuego. (SCHMIDL, 1980, p. 88)

Schmidl, assim mencionando, conseguiu promover um inter-relacionamento muito grande entre os índios Xaraiés e o Pantanal. Esse binômio por ele anotado contribuiu para a consolidação da denominação Lago dos Xaraiés. Registrou também o autor: “Cuando vinimos a los Jarayés, la mitad de nuestra gente estaba enferma a la muerte a causa del agua y la escasez que hemos experimentado en este viaje, pues durante treinta dias y noches seguidas no salimos nunca del agua.” (SCHMIDL, 1980, p. 90)

O soldado alemão deu muito destaque às terras inundadas que percorreu, retornando inúmeras vezes ao tema no corpo de seu trabalho. O livro de Schmidl foi publicado pela primeira vez em 1567 e teve outras edições na Europa no século XVI, demonstrando ter sido bem divulgado e aceito. Certamente o seu trabalho, fazendo uma simbiose entre os índios Xaraiés e os pântanos, o grande “lago” que atravessou, foi fundamental para a instalação da denominação de Lago dos Xaraiés. Anotamos que somente no século XVII os mapas europeus passaram a denominar o Pantanal com o

topônimo Xaraiés, e certamente isso ocorreu por influência do livro de Schmidl sem qualquer dúvida.

Notamos que, na edição em latim do livro de Schmidl publicado em 1599, *Vera Historia*, o editor anexou um interessante mapa denominado *Nova et exacta delineatio America pars setentrionalis*, desenhado pelo cartógrafo alemão Leuinum Hulsium. Ali o Pantanal está apontado como Lacus Eupana. Realmente, somente após uma maior divulgação e estudo do livro de Schmidl foi que houve uma mudança na denominação de Eupana para Xaraiés.

Os conquistadores que deixaram gravadas as suas memórias, ainda no século XVI, tiveram a sorte histórica de participar das duas expedições de 1543, onde homens brancos, europeus, vislumbraram o Pantanal Matogrossense e se depararam com os índios Xaraiés.

E o que viram esses expedicionários pioneiros ao adentrar terras pantaneiras? Uma grande planície que ficava toda alagada. Um imenso lago, um verdadeiro mar atravessado por inúmeros e grandes rios. Nunca os conquistadores espanhóis haviam visto uma extensão continental interior tão grande de água doce, povoada de animais estranhos, totalmente desconhecidos na Europa; uma diversidade enorme de peixes que proporcionava uma boa e farta alimentação; a flora com espécies desconhecidas aos seus olhos atentos; inúmeros povos indígenas, com língua e costumes bem diversos, que tiveram seus nomes devidamente anotados; uma riqueza natural impressionante, se bem que inútil para eles, vez que somente tinham interesse e buscavam riquezas minerais. Ao penetrar a pé por essa região, sofreram dias dentro d'água, sem ter como dormir, como descansar, como cozinhar, à mercê de perigos de toda a ordem, por ameaças de animais ou índios.

Certamente a descoberta dessa imensa região

alagada impressionou bastante os conquistadores espanhóis. Bem ao lado desse verdadeiro mar de água doce, dentre inúmeros povos indígenas, habitavam a região os Xaraiés, cuja etnia não foi até hoje muito bem definida em face de terem desaparecido com o correr dos séculos. A partir daí, efetuar a ligação aquele imenso lago aos índios Xaraiés, que habitavam no seu entorno, foi apenas um passo. Advém dessa ligação o nome primitivo de Lago dos Xaraiés para o Pantanal de Mato Grosso, tão divulgado por historiadores, geógrafos, militares, religiosos e aventureiros, que o percorreram e deixaram seus registros.

Apesar dos espanhóis denominarem o Pantanal – paraguaio, boliviano e mato-grossense - apenas de Chaco ou *Gran Chaco*, os cartógrafos europeus atribuíram vários nomes à essa região alagada: Lago Eupana, que aparece pela primeira vez na carta de Bartolomeu Velho (1562), tendo sido muito utilizado na cartografia europeia; Lago Dourado, encontrado na carta de Luis Teixeira (c.1600); Laguna encantada del Paytiti, apontado no mapa do espanhol de Lucas de Queiroz (1618); e Lagoa Paraupaba visto em mapas bandeirantes a partir do período da bandeiras paulistas. O nome lago dos Xaraiés ocorreu apontado nos mapas a partir do século XVII tão somente.

O jesuíta Pedro Lozano, assim se manifestou com relação à região pantaneira, dando as suas explicações a respeito:

Ella [nação dos Xaraiés] dió nombre al grande lago, cuyas márgenes poblaban, que es sin duda el mayor ó de los mayores de universo, y es la fuente principal de donde nace el gran rio Paraguay. Tiene dicho lago cien léguas de largo y de ancho once, de manera que a los engolfados en el no permite el rejistro de sua mérgenes con los ojos, ni se descubre mas que cielo y água, como si fuera alto mar, de que

solo el gusto halla diferencia en lo dulce y sabroso de sus cristales. (LOZANO, 1873, p. 108)

O nome *Pantanal* somente passou a ser utilizado pelos paulistas após a fundação de Cuiabá em 1719. Para chegar àquelas minas, os bandeirantes tinham obrigatoriamente que atravessar a região pantaneira, cortando-a ao meio, navegando pelos rios Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, em intermináveis viagens fluviais a partir do porto de Ararituaba no rio Tietê, em São Paulo.

Temos a salientar que, pelo menos até 1722, os paulistas que demandavam para as minas do Cuiabá ainda chamavam o Pantanal de Xaraiés. Um anônimo viajante que saiu de Cuiabá em monção para São Paulo, autor de uma primeira *Notícia* sobre as novas minas, assim se referiu à região chamando-a de “alagados dos Xaraiés”: “[...] no meio dos campos alagados dos Xaraiés, descendo a conserva o Porrudos até o furo do Axianés [...]”. (ANÔNIMO, In: SILVA, 2006, p. 90)

Realmente foi esse o primeiro registro expresso do lado português/paulista, acerca do Pantanal de Mato Grosso, com a inovação de chamá-lo de *alagados*.

O bandeirante paulista Antônio Pires de Campos, que adentrou sertões de Mato Grosso desde os fins do século XVII, em 1728 produziu a sua *Breve Notícia* [...] e foi o primeiro a dar informações expressas a respeito do Pantanal Mato-grossense com essa exata denominação. Falando de jacarés, sucuris e “porcos d'água”, assim registrou o autor:

[...] e todas as mais imundícies que deu os pantanais, nos quais cria Deus o arroz sem mais cultura que a da natureza e são estes pantanais tudo terra alagada, que fará de caminho mais de quinhentas léguas, e com as enchentes dos grandes rios que se vem juntar no rio Paraguai, represam as águas, de sorte

que faz um mar oceano, e se não se conhecem as madres de tão caudalosos rios no tempo de seis meses que dura a sua enchente [...] (CAMPOS, 1996, p. 115).

Um dos viajantes monçoeiros que percorreu a rota fluvial até Cuiabá, João Antônio Cabral Camelo, assim observou enquanto navegava pelo rio Taquari: “Pantanal chamam os cuiabanos a umas vargens muito dilatadas, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá.” (CAMELO, 1975, p. 129).

Por esses registros podemos inferir que, nos princípios da ocupação cuiabana, os pioneiros paulistas trocaram o nome Xaraiés por Pantanal. Por essa época foi iniciada a diferenciação entre essa nomenclatura portuguesa, Pantanal, da antiga denominação espanhola, Xaraiés. E o interessante, o nome Pantanal, segundo Camelo, foi uma invenção cuiabana.

Por outro lado, podemos registrar que os mapas dos séculos XVI e XVII mostram o Pantanal em formatos e tamanhos os mais diversos e distintos. A rigor, os espanhóis não sabiam – nem os portugueses – o seu real tamanho. O jesuíta José Guevara bem determinou a época exata em que os espanhóis puderam dimensionar o lago dos Xaraiés e saber exatamente no que ele se constituía, mas à essa época, o Pantanal já era irreversivelmente território português:

Un desengaño completo sobre la laguna de Xarayés se ha conseguido con la expedición que se hizo el año de 1753, río Paraguay arriba. Algunos le daban cien leguas, de norte a sur, y diez de oriente a poniente; otro más liberales en alargar que en dar como medida la extendían cien leguas a todos vientos. Pero en la realidad, ese espacioso jirón de tierra que media entre la sierra de Chiané, morro escarpado y río de Cuyabá, casi dieciséis hasta los dieciocho grado, no es otra

cosa que un terreno bajo que se inunda en tiempo de aguas y con el derramamiento del Paraguay en tiempo de crecientes.

Sin duda que los delinearon en los mapas laguna de tanta extensión, registraron el terreno en tiempo de crecientes, pues de sus relaciones consta que atravesaron en barcos todo el espacio que en los modernos mapas se denomina con el título de anegadizos [...]. Es laguna muy dilatada en tiempo que las vertientes se derraman sobre el país. (GUEVARA, 1836, p. 591)

Muito interessante a informação do autor, que teve a sua obra publicada em 1836, ao registrar os erros de extensão do lago dos Xaraiés observados nos mapas coloniais, dando ainda uma exata ideia de que não era um lago, mas um verdadeiro Pantanal, uns terrenos baixos que se inundavam somente no tempo das águas.

Assim, o atual Pantanal Mato-grossense, região ecologicamente sensível e com um complexo regime de águas, um dia foi chamado pelos espanhóis de Lago Xaraiés, em função do povo indígena assim denominado que habitava as margens do rio Paraguai, um dos formadores desse Pantanal.

Imbricado o seu antigo nome, Lago dos Xaraiés, com esses índios dessa etnia, há séculos desaparecidos, é fundamental mencionarmos aqui que o Pantanal Mato-grossense, abrangendo dois estados brasileiros, foi declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco pela sua beleza natural, pela exuberante flora e a diversidade de sua fauna.

E o complexo desse Pantanal, unido ao Chaco paraguaio e boliviano, formam a maior planície alagada do mundo.

E se hoje essa imensa quantidade de água já nos causa surpresa e admiração, que dirá aos olhos dos primeiros conquistadores espanhóis que, no século XVI, a viram pela primeira vez.

Referências

- CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. *Naufrágios e Comentário*. Porto Alegre: L&PM, 1987
- CAMELLO, João Antônio Cabral. *Notícias práticas das Minas do Cuiabá e Goiazes, que dá ao Revmo. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antônio Cabral Camello, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro*, v. 4, 1842, ., p. 487-500
- CAMPOS, Antônio Pires de. Breve notícia que dá o Capitão Antônio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das Minas do Cuiabá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Cuiabá, IHGMT*, tomo CXLIV, 1996 p. 437-449
- DIAZ DE GUZMÁN, Ruy. *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Rio de la Plata*. Assunção: Comunerros, 1980.
- GANDIA, Enrique de. *Historia del Gran Chaco*. Buenos Aires: Roldan, 1929.
- GUEVARA, José. *História del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, (De Angelis, tomo I).
- IRALA, Domingo Martinez de. Relación de Domingo de Martinez de Irala acerca de los descubrimientos que iba haciendo cuando fué navegando Paraguay arriba por ordem del gobernador Cabeza de Vaca desde el 18 de diciembre de 1542. *Anales de la Biblioteca*. Buenos Aires: Tomo VIII, 1912.
- LOZANO, Pedro. *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires: Imprenta Popular, 1873, T. I.
- MURATORI, Ludovico Antônio. *Nouvelles des Missions du Paraguay*. Paris: Ardant, 1844.
- QUIROGA, José. *Descripción del Rio Paraguay desde la boca del Xauru hasta la confluencia del Paraná*. In: *Collección Pedro de Angelis*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836 (De Angelis, t. VI).
- SCHMIDL, Ulrich. *Derrotero y Viaje a Espana y las Índias*. Buenos Aires: Espasa, 1980
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Notícia do arraial do São Gonçalo Velho, Forquilha e minas do Cuiabá e derrota pelo rio Coxipó e Cuiabá até o porto do Ararituaba no Tietê - Apresentação e análise*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2006.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e Silva. *Índios Cuyabás*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009.